

FELIPE BARONI
fbaroni@globo.com.br

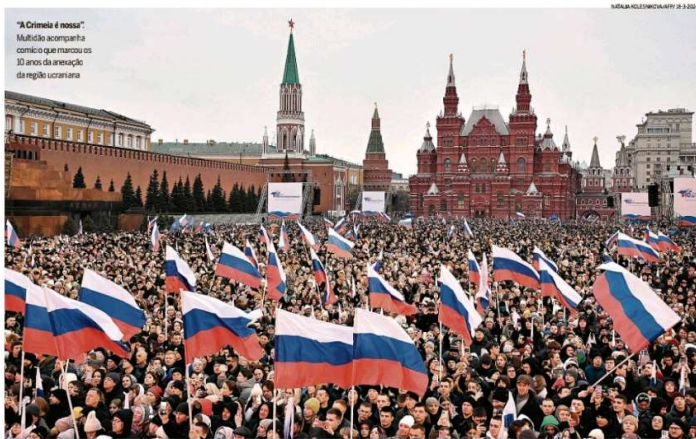
"Gostaria de lembrá-los que o que foi chamado 'Novorússia' nos antigos dias czaristas — Kharkiv, Luhansk, Donetsk, Khereson, Nikolayev e Odessa — não fazia parte da Ucrânia. Aqueles territórios foram dados à Ucrânia nos anos 1920 pelo governo soviético. Por quê? Quem sabia?"

Em abril de 2014, menos de um mês depois de oficializar a anexação da Crimeia, Vladimir Putin concedia a sua tradicional e longa entrevista coletiva anual. Na ocasião, deu pistas de suas visões sobre o país vizinho e delimitou um conceito central no pensamento político russo nos anos seguintes: a ideia da "Novorússia", ou a "Nova Rússia". Anteriormente, em um discurso que marcou os 10 anos da anexação da Crimeia, o termo foi mais uma vez citado, em referência às novas anexações de terras ucranianas.

—As pessoas vivendo ali expressaram sua vontade de retornarem à família durante os dias da "Primavera Russa" — disse Putin, referindo-se a protestos pró-Moscou na Ucrânia em 2014, supostamente incitados pelos próprios russos. — O caminho de volta para casa envolveu dificuldades e tragédias. Mesmo assim, conseguimos, e é um grande evento na história de nosso Estado.

A "Nova Rússia" não é algo criado por Putin. Historicamente, o nome se refere a uma região dentro do Império Russo, que compreendia partes do que hoje são o leste e o sul da Ucrânia, incluindo a Crimeia. Com a Revolução Russa e o fim da monarquia, teve início a guerra civil, e a Ucrânia foi uma das principais frentes de combate — as forças locais, que queriam se livrar do domínio de Moscou, foram derrotadas, e o território, incorporado à União Soviética, agora sob o nome de República Socialista Soviética Ucraniana.

'ESTADO SATELITE'
Para Putin, o grande erro de Vladimir Lenin foi ter permitido a "criação" desse Estado-satélite, com um idioma próprio, uma identidade própria e, mais importante, com territórios que ele considera serem parte integrante da Rússia. Várias dessas áreas compõem a Nova Rússia do presidente.



O que é a 'Nova Rússia', ideia central da guerra de Putin na Ucrânia

Presidente usa conceito histórico adaptado por filósofo nacionalista para justificar anexações de territórios

— Esse processo começou imediatamente após a Revolução de 1917, e Lenin e seus aliados o conduziram da forma mais viável possível em relação à Rússia, ao dividir, ao rasgar pedaços de seu território histórico — disse Putin no discurso que antecedeu a guerra e que ignora premissas históricas sobre a formação da Ucrânia. Uma das primeiras declarações de desdém de Putin sobre a Ucrânia foi em uma reunião do Conselho Rússia-Otan, em 2008. Segundo o jornal Kommersant, citando uma fonte com acesso a um encontro fechado, Putin se virou para o então presidente dos EUA, George W. Bush e disse: — George, a Ucrânia nem é

A 'NOVA RÚSSIA' DE PUTIN

Modelo do filósofo russo Alexander Dugin abrange grande parte da Ucrânia



um Estado — afirmou, segundo o Kommersant.

O conceito da Nova Rússia ganhou os discursos por influência do filósofo Alexander Dugin, considerado um dos "gurus" de Vladimir Putin. Para Dugin, o sul e o leste da Ucrânia são partes integrantes da civilização russa e devem voltar a fazer parte da Rússia. Ele considera que uma Ucrânia independente é um perigo existencial, que o controle do Mar Negro é "absolutamente imperativo", e que o país vizinho deveria ser "um setor administrativo" de Moscou.

CRÍTICAS AO GOVERNO

Em 2014, quando a Crimeia foi anexada e milícias pró-Moscou assumiram o controle de partes de Donetsk e Luhansk, Dugin criticou Putin por "não ter feito o bastante" em regiões onde há um número significativo de russos.

A visão foi abraçada por Putin e serviu como um dos pilares da guerra: para ele, a Nova Rússia deveria "retornar" ao domínio russo. "Nós nunca permitiremos que nossos territórios históricos e povos próximos de nós vivam ali separados contra a Rússia. E aqueles que tentam fazer isso, gostaria de dizer que, dessa forma, vão des-

truir seu próprio país", escreveu Putin em seu artigo "Sobre a união histórica entre russos e ucranianos", de 2021.

Mas o que seria a Nova Rússia para o Kremlin hoje? Em 2014, na entrevista coletiva, Putin incluiu partes de Donetsk e Luhansk, além do sul e também Kharkiv, no nordeste ucraniano — para Putin, a cidade, que tem uma grande população etnicamente russa, faz parte da "Rússia histórica".

Há cerca de duas semanas, o ex-presidente e vice-chefe do Conselho de Segurança russo, Dmitry Medvedev, disse em um fórum de estudantes que o discurso de que a Ucrânia "não é Rússia" precisa ser eliminado, sugerindo que todo o país vizinho deveria ser anexado. Com a guerra entrando em seu terceiro ano, Putin se refere abertamente a alguns dos territórios conquistados na Ucrânia como "Nova Rússia", no caso, Kherson e Zaporíia — ele cita Donetsk e Luhansk como "Donbass", nome histórico daquela área no leste. Neste momento, Putin parece conformado com o controle sobre essas regiões, mas como a História mostra, ele pode ser paciente antes de passos mais ousados, especialmente em uma guerra complexa e sem fim como a atual.

EUA defendem ida de chefe de agência da ONU a Gaza

Philippe Lazzarini, comissário-geral da UNRWA, teve sua visita ao território palestino barrada pelo governo israelense anteontem

Os Estados Unidos defenderam ontem que Israel permita que o chefe da agência da ONU para os refugiados palestinos (UNRWA) entre em Gaza, um dia após Philippe Lazzarini ter sido proibido de entrar no enclave pelo governo israelense.

—Acreditamos que ele deveria poder visitar o campo de operações da UNRWA, inclusive em Gaza, e vamos continuar trabalhando com o governo de Israel para aprovar rapidamente todos os vistos solicitados para trabalhadores da ONU e de ONGs — disse Vedant Patel, porta-voz do Departamento de Estado.

Lazzarini, comissário-geral da UNRWA, disse anteontem que as autoridades israelenses o impediram de fazer uma visita que teria como objetivo "ordenar e melhorar a resposta

humanitária". A UNRWA é a maior fonte de ajuda em Gaza e um meio de subsistência crucial para mais de 2,2 milhões de pessoas.

A agência do Ministério da Defesa de Israel que supervisiona a política para os territórios palestinos, a Cogat, afirmou nas redes sociais que o pedido de entrada de Lazzarini em Gaza "não foi submetido aos processos e canais de coordenação necessários". Mas para Juliette Touma, diretora de comunicações da UNRWA, a explicação "não era precisa".

'FOME EM GRANDE ESCALA'

O veto ocorreu no dia em que um novo relatório da iniciativa global IPC (Classificação da Fase de Segurança Alimentar Integrada) projetou que "uma fome em grande escala" se instalará no norte de Gaza até maio, a menos que haja uma intervenção urgente.



Destruição. Imagem de satélite da Faixa de Gaza mostra prédios em ruínas, relatório da ONU, aponta que reconstrução levará 'anos'

Há muito tempo, Israel argumenta que a UNRWA é influenciada pelo Hamas, o que a agência nega. Em janeiro, Israel acusou 12 dos 13 mil funcionários da agência em Gaza

de participarem dos ataques de 7 de outubro ao país, o que levou várias nações a suspenderem o financiamento — algumas já voltaram atrás. Outros 190 funcionários foram acusados de serem "militantes" de organizações consideradas terroristas. Israel Katz, ministro das Relações Exteriores, pediu que Lazzarini renunciasse.

A ONU iniciou uma investigação e demitiu 10 dos 12 cita-

dos — os outros dois estão mortos. No início deste mês, a UNRWA acusou o governo de Israel de torturar e maltratar funcionários da agência em busca de confissões sobre supostos laços entre o órgão e o grupo terrorista Hamas.

ASSÉDIO E OBSTÁCULO

Documentos internos da ONU obtidos pelo jornal britânico Guardian revelam que funcionários da UNRWA na Cisjordânia também têm sido submetidos a uma campanha de obstrução aos deslocamentos militares e das autoridades israelenses desde o início do conflito em Gaza.

Também estão registrados incidentes como a suposta vendagem e espancamento de funcionários e uso de instalações da ONU por tropas de Israel como posições de tiro em ataques a campos de refugiados, com mortes de palestinos.

Para Lazzarini, a agência está enfrentando uma "campanha deliberada e organizada" para minar suas operações, em um momento em que seus serviços são mais necessários. (Com New York Times e AFP)